**Noticia escrita para Els Lagrou: Antropólogos belgas no Brasil**

Frédéric Vandenberghe é um sociólogo flamengo que fez a graduação na Universidade de Gent. Durante 20 anos ele morou, como ele diz mesmo, “nas malas”. Ele trabalhou em múltiplas universidades na Europa (entre outras: Manchester University, Instituto universitário europeu em Florença, Universidade para os Estudos Humanistas na Holanda), nos Estados Unidos (University of California em Los Angeles, Universidade de Yale) e no Brasil (UnB, UFPE, IUPERJ e agora no IESP-UERJ). Um dia ele chegou no Brasil.

Como uma garrafa jogado no mar, eu cheguei um dia no Brasil. Alguns dias depois da invasão do Iraque. Exatamente 10 anos atrás. A minha chegada foi efeito de um acidente feliz – *serendipity*. Não entrei pela orla, porem, mas pelo interior. Alias Brasília, maior cidade do Goiás que também é a capital do país. Antes de chegar no plano Piloto, eu trabalhava em uma pequena universidade experimental na Holanda, a Universidade para os Estudos Humanistas, mas desde a minha volta da Índia em 2001, numa sexta feira que coincidiu com a morte de Pierre Bourdieu, estava sem vínculo empregatício. Como o Estado de bem-estar na Europa ainda não foi completamente destruído, as condições materiais do trabalho eram garantidas. Certo dia, fui visitar amigos em Paris. Philippe Chanial, membro do Movimento Anti-Utilitarista nas Ciências Sociais, convidou-me para acompanhá-lo em uma conferência sobre economia solidária, na qual Paul Singer estava presente. Após cerca de uma hora, saí da conferência para olhar livros em uma livraria e, na hora do almoço, reencontrei Philippe Chanial. Alan Caillé também estava lá e me perguntou se não gostaria de ir para o Brasil. Um professor da Universidade de Brasília estava em busca de um professor visitante e, como estava desempregado, pensei comigo, “por que não?”. Naquela ocasião, fui apresentado ao professor Brasilmar Nunes, com quem conversei por sete minutos e, seis meses mais tarde, estava morando em Brasília. Dizem que Brasília é uma cidade fria e que os brasilienses são fechados. Eu adorei. Foi muito mais fácil mudar-me da Europa para o Brasil do que sair da Bélgica para a França, da França para a Inglaterra, da Inglaterra para a Alemanha e assim por diante.   
Depois de seis meses em Brasília, voltei para a Holanda. Senti-me como o antropólogo que retorna para casa e se lembra com nostalgia e ternura da tribo na qual foi acolhido. Seis meses mais tarde, estava novamente em Brasília. Desta vez, fiquei um ano, três meses dos quais, passei em Recife, na UFPE. Pouco antes de ir a Recife, havia recebido um convite de Seyla Behabib, da Universidade de Yale, para ensinar naquela universidade. Quis ficar no Brasil, mas não se recusa um convite de Yale. Passei um ano e meio lá, escrevendo notas de rodapé, freqüentando a biblioteca e desenvolvendo “ideias fora do lugar”. Yale é um campo de trabalho-forçado. Você faz parte de uma mente gigantesca, mas o lugar não tem alma. Pedi demissão quando recebi um convite para trabalhar no IUPERJ. Ingressei neste lugar de excelência, mas deu azar. Ironia da sorte. Enquanto eu me decidi de me ficar no Rio de janeiro, o IUPERJ que fazia parta da Universidade Candido Mendes, universidade privada e falida, entrou numa crise terminal. Depois de 8 meses sem receber salario, eu e 19 dos meu colegas pediram a demissão e o dia depois fomos recebidos por Sergio Cabral e integrados a Universidade Estadual do Rio de Janeiro com bolsa de professor visitante. Já que a única maneira de regularizar a minha situação era de prestar um concurso, fiz o concurso. Os pontos selecionados não eram menores: “Globalização, póscolonialismo e civilização universal” na prova escrita e “As microssociologias na prova didática” com Gabriel Cohn na banca. Passei e desde então sou o que sempre quis ser: funcionário publico. O que era sorte se transformou em escolha que se transformou em destino. Eu mesmo mudei. O brazil me transformou. Não sou mais este cosmopolita ridículo sem lugar no cosmos e sem polis. Agora tenho um mundo da vida, um mundo e um vida.   
  
O Brasil me parecia um lugar fascinante porque nenhuma das minhas teorias se aplicava à realidade local. Por exemplo, Giddens, com a sua insistência nas rotinas, não teria nada a dizer sobre um lugar como o Brasil. O Brasil é um país pragmatista: tem que se pegar a onda e inventar, criar e, quando as coisas não funcionam como se esperava, tenta-se novamente, dá-se um jeito. Habermas escreve sobre a colonização do mundo da vida por parte dos sistemas econômico e burocrático, mas, apesar do termo “colonização”, não escreve uma linha sobre colonialismo. Mais do que isto, parece-me que aqui, o problema central, ao contrário do que afirma Habermas, diz respeito à colonização do sistema pelo mundo da vida. Michel Foucault, que parecer ser arroz de festa entre parte da intelectualidade brasileira, como qualquer pessoa que tenha visto Tropa de Elite vai se lembrar, é particularmente difícil de se aplicar à sociedade brasileira. O colonialismo, que representa a base da sociedade brasileira, perturba todo o esquema que ele desenvolveu em *Vigiar e Punir*. Luhmann, contrariamente a todas as minhas expectativas, tem algumas páginas em A Sociedade da Sociedade (sua obra maior) que dizem respeito à questão da exclusão social e que poderiam iluminar o caso brasileiro. Quando um mendigo não tem acesso a nenhum dos subsistemas da sociedade – não tem emprego, não tem endereço fixo, não tem educação formal etc.- ele é reduzido a um mero corpo, perigoso, a uma mera vida, como diria Agamben. Como Luhmann, Bourdieu também se aplica ao Brasil, mas Bourdieu se aplica a tudo. Quando estou muito cansado, por exemplo, e um estudante vem falar comigo sobre um assunto qualquer, sempre sugiro a leitura de Bourdieu. Até a situações como esta ele se aplica.  
  
O Brasil representa para mim, portanto, um grande desafio teórico. Depois de 20 anos, finalmente abandonei minhas notas de rodapé, para entrar na realidade, com R maiúsculo. As teorias que conheço, são teorias fora do lugar. A fim de aplicá-las à realidade local, é necessário torcê-las, fragmentá-las, juntar os pedaços e, mesmo depois de um trabalho contínuo de reformulação, continuo sem entender nada sobre este país. Como afirmou Nelson Rodrigues, o Brasil não é para iniciantes. A única coisa que posso entender é que não posso entendê-lo. Os limites do meu mundo são os limites da minha linguagem, para inverter a famosa frase de Wittgenstein.

Eu não sou antropólogo. Trabalho na área da teoria social. Influenciado pela filosofia social alemã (fiz um sanduiche com Jürgen Habermas em Frankfurt), a teoria social anglo-saxã (fiz outro sanduiche com Anthony Giddens em Cambridge) e a teoria sociológica francesa. Me proponho de integrar o realismo critico e a hermenêutica numa teoria da ação em comum. *Teoria social realista. Um dialogo franco-britânico*, publicado pelo UFMG em 2010, foi escrito como “cartão de visita” e da uma boa ideia dos meus interesses. Membro do MAUSS (Mouvement Anti-Utililitariste dans les Sciences Sociales), me inspiro do *Ensaio sobre a dadiva* de Marcel Mauss e a *Filosofia do dinheiro* de Georg Simmel para explorar a cultura material e desenvolver uma teoria do fato social total global (sic) que investiga a globalização a partir de objetos concretos. Estou esperando 2015 para fazer um pós-doc na Índia e pretendo, na volta, pesquisar com mais afinco o Brasil na perspectiva cultural e comparativa de modos existenciais de estar no mundo. A intuição de base me vem de uma conversa em Brasília com um supermedico extraordinário (medico, psicanalista e homeopata). Propondo um analise comparativa do Brasileiro e do Europeu ele distinguiu três capacidades humanas básicas: a reflexividade, a sensibilidade e a afetividade (as quais quero juntar uma quarta: a espiritualidade, daí a Índia, onde todas as possibilidades religiosas, do ateísmo puro via o panenteismo ate a transcendência absoluta foram explorados, uma pouco da mesma maneira que a Grécia antiga fez para a filosofia). Ele me contou a historia seguinte: “Reflexividade: Europeu, muito boa; Brasileiro, da para melhorar. Sensibilidade, boa em ambos os casos. Afetividade: na Europa da para melhorar. No Brasil, demais”. Gostei da tipologia e pretendo fazer uma antropologia da globalização aplicada. Para me tornar plenamente humano, preciso de me globalizar de dentro. Como disse o poeta sufi Rumi já no século XIII: “Eu venho nem do Leste nem do Oeste, não nasci do oceano nem surgi do solo não sou natural ou etérico, nem sou composto de qualquer elemento. [...] O meu lugar é o não-lugar, um traço do que não tem traço. Nem corpo, nem alma. Pertenço aos amados, tenho visto os dois mundos como um só e esse chamo e conheço primeiro, último, externo, interno, só a respiração respirado, Ser Humano”.